

Em outubro de 1999, Portugal recebia a notícia: ia organizar o Euro2004. Carlos Cruz, Miranda Calha, José Sócrates e Gilberto Madaíl festejaram

A corrupção que veio do Leste

Dois envelopes com dinheiro terão ido para o presidente da Federação do Azerbaijão. Vivenda no Algarve terá sido pedida por outro dirigente com capacidade para fazer lóbi “junto de várias federações do Leste”. Federações lesadas ainda podem avançar para tribunal

SÍLVIA CANECO

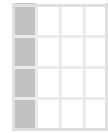
Para que o Euro2004 fosse organizado por Portugal, os responsáveis pela candidatura encetaram um processo de sedução junto de dirigentes das federações de outros países que, de acordo com os relatos de Carlos Cruz na sua autobiografia, envolveu até subornos. Um dirigente desportivo terá recebido dois envelopes com dinheiro para votar em Portugal. E outro terá recebido pelo menos a promessa de uma vivenda de 100 mil euros, no Algarve, como contrapartida pelo voto favorável. O primeiro, confirmou a VISÃO, seria o presidente da Federação do Azerbaijão [Fuad Musayev]. O segundo seria um delegado com “grande influência na decisão da Comissão do Euro”, próximo de Egidius

Braun (então presidente da Federação Alemã, presidente do comité do Euro e tesoureiro da UEFA), e com capacidade para fazer lóbi junto de vários países do Leste europeu. No final, e ainda de acordo com o ex-apresentador que cumpre uma pena de prisão na Carregueira, do Leste terão votado em Portugal a Ucrânia, o Azerbaijão, a República Checa e a Roménia.

No primeiro caso, Cruz concretiza que Gilberto Madaíl, então presidente da Federação Portuguesa de Futebol (FPF), terá entregado dois envelopes ao dirigente desportivo: o primeiro com dinheiro para umas férias com a família no Algarve; o segundo com 12500 ou 15 mil dólares. No segundo caso, a contrapartida terá sido pedida tendo como intermediário um amigo de Cruz, representante de uma multinacional que tinha uma filial

naquele país. O voto estaria garantido a troco de uma vivenda no Algarve. Cruz terá passado a mensagem a Madaíl e também a Sócrates [à data ministro adjunto de Guterres], que terá respondido: “Ó Carlos Cruz, não podemos perder isto por uma questão de dinheiro. Era o que faltava!”

O ex-apresentador está convencido de que a promessa não foi cumprida, até porque terá recebido emails em tom de ameaça. Sócrates e Madaíl desmentem as acusações. António Boronha, então vice da Federação, corrobora o primeiro episódio contado por Cruz. “Ouvi no corredor, da boca do Madaíl ou de alguém muito próximo, que se andava a alimentar o tipo do Azerbaijão. Não foi só com chá e simpatia que ganhámos o Euro2004. Acredito que alguém foi ‘amanteigado’ e que havia um saco azul na Federação”, diz à VISÃO.



Outras investigações

Organizações de campeonatos de futebol sob suspeita


ALEMANHA 2006

A FIFA está a investigar seis ex-dirigentes da Federação Alemã de Futebol, quatro deles por suspeita de pagamentos em troca de votos para que a Alemanha organizasse o Mundial de 2006. Um dos nomes envolvidos é Franz Beckenbauer, ex-jogador e ex-selecionador.

ÁFRICA DO SUL 2010

Suspeita-se que só a África do Sul terá investido 10 milhões de euros em subornos para ganhar a organização de um Mundial. Neste processo também as mais altas entidades estão debaixo de fogo. O suíço Joseph Blatter, ex-presidente da FIFA, e Michel Platini (presidente da UEFA) são suspeitos.

E tendo havido crime, vai acabar sem castigo? Só as federações lesadas – neste caso, de Espanha, Áustria ou Hungria, porque concorriam com Portugal para a organização do Euro2004 – ainda têm um trunfo. “A responsabilidade civil extracontratual não prescreveu”, sugere Alexandre Miguel Mestre, ex-secretário de Estado doutorado em Direito Desportivo Europeu. E como tal, se essas federações alegarem que foram prejudicadas ainda podem avançar para uma ação cível. Cruz, como intermediário das conversas em que teriam sido pedidas ‘luvas’, seria sempre um alvo.

A verdade é que também nada impediria que, à data de hoje, outras entidades fossem investigar as denúncias. A UEFA, lembra Alexandre Mestre, “tem tutela disciplinar sobre os seus membros e a capacidade de abrir um processo para averiguar se há indícios de corrupção”. O advogado João Lima Cluny, também especialista em Direito do Desporto, recorda que entidades como a UEFA e a FIFA “não têm competências para entrar em casas e fazer buscas” mas podem pedir ou tentar chegar a alguns elementos de prova. “O que faria sentido perante a eventualidade de existir um suborno”, diz Cluny, lembrando que a prática é punida nos códigos de ética e disciplinares. É que ao contrário do que acontece pela via penal – em que os alegados factos, praticados em 1999, já estão prescritos –, os processos abertos pelas entidades máximas que gerem o desporto mundial não têm prazos de prescrição.  scaneco@visao.impresa.pt